

## Onde está o perigo?

### Mediação dos pais nos usos da televisão\*

*Claudio Avendaño R.\*\**

*Lucía Castellón\*\*\**

#### Resumo

Esta pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo aborda a mediação parental na recepção de televisão em bairros da cidade de Santiago do Chile. Utiliza-se como perspectiva teórica as redes sociais e familiares onde se desenvolvem interações de mediação dos pais do tipo simbólico considerando-se a família como comunidade interpretativa ou hermenêutica que pode funcionar como instância facilitadora de resistência ou negociação semântica. Entre as conclusões, cabe mencionar que a mediação dos pais acontece de formas distintas e segundo os níveis socioeconômicos. Apesar da exposição ser maior nos estratos mais baixos, é nos médios e altos que a conversa sobre a programação é mais freqüente, valorizando, significativamente, essa postura, algo similar acontece com o conhecimento sobre os programas assistidos pelas crianças. Também se observam diferenças entre as declarações de pais e filhos, como no caso da proibição de programas: os filhos indicam que recebem menos proibições do que aquelas registradas pelos pais. De uma maneira geral, as formas de mediação parental na classe média e média-alta têm um caráter mais crítico e associam a televisão a um elemento negativo. No estrato mais baixo, a televisão é um meio valorizado positivamente que faz parte da interação diária na comunidade.

**Palavras-chave:** televisão, recepção, mediação parental

#### Resumen

Esta investigación de carácter cuali-cuantitativo aborda la temática de la mediación parental en la recepción televisiva en hogares de Santiago de Chile. Se asume como perspectiva teórica que en las redes sociales y, específicamente las familiares, se desarrollan interacciones de mediación parental de tipo simbólico, por lo cual se considera a la familia como comunidades interpretativas o hermenéuticas que pueden constituirse

---

\* Texto traduzido do espanhol por Maria José Alfaro Freire.

\*\* Sociólogo, Coordenador do Master em Comunicação - Universidade Diego Portales, Chile.

\*\*\* Jornalista, Decana da Faculdade de Ciências da Comunicação - Universidade Diego Portales, Chile.

en instancias facilitadoras, de resistencia o negociación semántica. Entre las conclusiones cabe mencionar que la mediación parental se realiza de distintas maneras según el estrato socioeconómico. En cuanto a co-exposición es mayor en los estratos bajos, no obstante en los estratos medios y altos se conversa más sobre la programación, valorándose significativamente este tipo de conducta, algo similar sucede con el conocimiento sobre los programas que ven los hijos. También se observan diferencias entre lo expresado por padres e hijos, es el caso de la prohibición de programas, los hijos indican que reciben menos “prohibiciones” que la señalada por los padres. En general, las formas de mediación parental del estrato medio y medio-alto tiene un carácter más crítico y definen la televisión más asociada a un elemento negativo. Por su parte, en el estrato bajo la televisión es un medio valorado positivamente que forma parte de la interacción diaria en el hogar

**Palabras-clave:** televisión, recepción, mediación parental

#### Abstract

This quali-quantitative investigation addresses the theme of parental discretion of children's television viewing choices. From the theoretical standpoint that social networks, especially families, develop symbolic parental mediation. The family will be considered as interpretive communities or hermeneutics which can foster either resistance or semantic negotiation. Of the points made in this work, one that deserves mention is how the specific manner of parental mediation witnessed in a given family is affected by the socioeconomic status of that family. Among the lower social social strata, the level of discussion in relation to this topic is appreciable, but nevertheless, the level of discussion among the middle and upper social strata is still greater. Therefore, the act of family discussion along with the desire to have a greater knowledge of children's viewing habits simultaneously gain importance among families in these latter groups. Also readily observable is that children tend to indicate that they receive fewer “prohibitions” than indicated by their parents. In general, the forms of parental mediation of the middle and upper middle societal social strata have a more critical character and tend to define the viewing of television as negative, while the the lower social social strata tend to apply a positive aspect to the viewing of television as it is a part of daily family life.

**Keywords:** television, reception, parental mediation

## Introdução

O consumo de televisão ocorre preferencialmente no âmbito da família, ou ainda, das famílias, dada a sua diversidade. Neste *locus*, o meio atinge o seu ponto mais alto de audiência, chegando, no Chile, a 95%, segundo dados do Consejo Nacional de Televisión. A família é, de alguma forma, o ambiente “natural” da televisão. Neste grupo social onde se insere a televisão, desenvolve-se um conjunto de relações de cooperação, conflitos, alianças, dores, esperanças. Portanto, é nesta coletividade que se atualizam e desenvolvem as mais variadas predisposições e condutas do indivíduo.

Isto ocorre porque é na família que se dá o processo de socialização, transformando-a numa das importantes instituições sociais através das quais o homem e a mulher internalizam os elementos culturais e sociais que contribuem para sua humanização, enquanto ser social e sujeito em processo de individuação.

Há muitas formas de ser e estar em família, o que gera determinados perfis e atributos em função do sistema social em que se insere. Assim, a família assumirá mais ou menos funções ou as desenvolverá de diferentes maneiras, dependendo do contexto sócio-cultural em que se localiza e da sua posição na estrutura social (Borsotti, 1976).

Atualmente, vivemos um processo crescente de multiplicidade de formas de família e de convivência, modelando uma diversidade que, com maior ou menor grau de legitimidade, configura uma “democratização da vida cotidiana” (Jelin, 1998).

Considerando a transcendência da família, um dos aspectos centrais refere-se à mediação parental. É relevante focalizar o tema da televisão a partir dessa perspectiva, na medida em que trata de um fato observável: por tratar-se do meio domiciliar, a relação entre, de um lado, pais e filhos e, de outro, a televisão é importante, especialmente, quando se tratam de famílias com filhos no período de infância e/ou adolescência. Essa é uma etapa em que os pais transmitem, através de exemplos e/ou verbalizações, sua maneira de ver aspectos variados do desenvolvimento humano, que vão desde a sexualidade até as preferências políticas, passando pelos gostos culinários. A socialização é mais “densa” do ponto de vista afetivo e cognitivo para a formação da criança. No caso da televisão, ocorre algo similar, as predisposições transmitidas frente ao meio, muitas vezes são geradas pela própria memória televisiva dos pais, favorável ou não ao meio audiovisual.

Entretanto, pouco se sabe sobre como encarar o tema. Os pais não têm outros mapas cognitivos, nem repertórios de conduta, além daqueles gerados pela própria improvisação e experiência. Há uma demanda pela compreensão do meio, preocupação que atinge desde os pais de família até o presidente do Chile. No seu relatório anual à nação em 21 de maio de 1996, o presidente Frei expressou no Congresso Nacional:

“Nossos cidadãos devem desenvolver uma capacidade crítica frente aos meios de comunicação. Cada família, de acordo com seus próprios valores, deve educar os filhos em relação aos conteúdos da mídia, fundamentalmente aqueles os provenientes da televisão. Nada nem ninguém pode substituir a responsabilidade que os próprios cidadãos têm neste âmbito”.

É possível pensar que todas as pessoas têm uma opinião a respeito do tema televisão, produto de suas múltiplas experiências com ela, o que desperta posições conflitantes no que se refere aos benefícios e prejuízos que traria ao ser humano contemporâneo. Possivelmente, é o artefato técnico que mais gera polêmica, notas jornalísticas, livros científicos e opiniões em conversas cotidianas.

Em termos gerais, as predisposições referentes à televisão podem ser divididas em dois grandes tipos. De um lado, sujeitos que percebem o meio como uma ameaça à alta cultura, entendendo esta última como “as mais elevadas experiências das pessoas”, tais como a literatura, pintura, escultura e outras “belas artes”. Eles propõem que a exposição dos indivíduos a esses elementos artístico-culturais elevaria o nível de desenvolvimento cultural e humano da sociedade e dos sujeitos. Já os meios de comunicação contemporâneos estariam “vulgarizando” a cultura, mediante sua simplificação, banalização, fragmentação e comercialização. Nesse sentido, caberia falar de uma atitude fatalista frente aos meios de comunicação, os quais – considerando sua lógica de financiamento e organização – tornariam praticamente irreconciliável a alta cultura e a comunicação de massa.

Neste campo cabem, por exemplo, as atitudes de um setor de professores assinalando que a televisão não apenas não contribui na educação das crianças, mas tende a construir conceitos, idéias e imagens francamente contrárias ao marco axiológico em que se desenvolve o

processo de ensino/aprendizagem. Portanto, evitam, rejeitam ou retardam a incorporação dos meios de comunicação ao trabalho de sala de aula (Avendaño, 1993).

Uma segunda abordagem do fenômeno da televisão pode ser rotulada como conciliadora. Implica definir os meios de comunicação - especialmente os meios audiovisuais - como um produto relevante da inteligência e criatividade humanas. Assim, esses meios permitiriam que numerosos grupos de pessoas pudessem acessar mensagens e fontes de informação que, de outra forma, seriam praticamente impossíveis de serem conhecidas. Deste modo, recursos culturais/comunicacionais que só pertenceriam à elite seriam difundidos entre a população. Além do que, existiria a possibilidade de educar através dos meios de comunicação, em virtude da grande aceitação e cobertura que eles têm em nossas sociedades. (Avendaño, Izquierdo, 1999).

Ambas posturas relativas à televisão partem de pressupostos e premissas baseadas em opinião e, portanto, potencialmente erradas e certas ao mesmo tempo. Trata-se de uma matéria opinativa e, dada a sua centralidade na vida cotidiana, tende a estar carregada de aspectos emocionais e afetivos que acabam por reforçar pré-noções, em vez de contribuir para um debate sério e fundamentado sobre o tema. Todo o mundo opina e sente-se no direito de opinar sobre a televisão, já que forma parte de seu campo de experiências cotidianas.

Para esclarecer as relações implicadas na existência de posições irreconciliáveis sobre a relação entre família e televisão, é necessário revisar as contribuições feitas na pesquisa do tema.

### Antecedentes teóricos

#### *Sociabilidade familiar e televisão*

Assistir televisão é uma prática realizada numa área comum, onde certos vetores de sociabilidade familiar (carregados de significação) cruzam-se com as propostas de sentido desse meio. Estrutura-se no lar uma forma cotidiana de assistir televisão. Assim, no âmbito das tendências da comunicação familiar de cada coletividade são produzidos estilos de ver televisão, entendendo-os como as formas em que se tornaram cotidianos os usos desse meio, e dentro do qual se operam as negociações de sentido. A televisão, também, pode contribuir na mudança das dinâmicas familiares, evidentemente, com a sua incorporação na residência ou pelo

aumento do número de aparelhos, além da introdução de outras formas de uso da tela como, por exemplo, os *videogames*.

Num estudo etnográfico de famílias venezuelanas, Barrios (1993) observou que a televisão é produtora de temas, provocando interações verbais entre seus membros, em função das posições e papéis desempenhados. Inclusive, os temas tratados vão além daqueles vistos na televisão, gerando outros campos comuns dentro do grupo familiar. Da mesma forma, a televisão pode transformar-se num objeto comum de atenção que evita conflitos.

Entretanto, assistir televisão nem sempre convoca todos os membros da família, ao contrário, o aumento do número de aparelhos implica um consumo cada vez mais individualizado, sobretudo naqueles estratos socioeconômicos nos quais a moradia possui dormitórios individuais para os filhos (as).

Lawrence e Wozniak (1984) observam que do total de tempo dedicado pelos membros da família à televisão, somente 14% correspondem a uma atividade conjunta. O estudo mostrou que as crianças passam 15% do tempo assistindo televisão com outro membro da família, geralmente o irmão mais velho. Essa co-exposição não guarda relação com outras variáveis, tais como, estação do ano, educação, emprego dos pais, renda e dia da semana. O segundo membro da família com que se co-expõem os filhos é a mãe e, em último lugar, o pai. No entanto, os autores chamam atenção para o fato do pai falar escassamente com seus filhos quando se co-expõem, à diferença da mãe, que interage verbalmente com maior frequência.

A interação não verbal também é um elemento relevante enquanto gera significados kinésicos e proxémicos. Observando famílias, Barrios (op. cit.) notou que alguns de seus membros, especialmente os filhos mais jovens, sentavam-se muito próximo da televisão, indicando com isso seu desejo de não interagir. Os filhos pequenos sentavam-se com a mãe para conversar e trocar carícias.

### *Mediação de pais e mães*

Dentro das pautas de comunicação familiar, a mediação parental é um aspecto relevante. Os hábitos dos pais são fatores que influem na maneira como os filhos aprendem a ver e a atribuir significados à televisão.

Por mediação parental entende-se o processo através do qual os pais (pai/mãe) influem, com suas condutas, valorizações e verbalizações

nas modalidades de usos e significações que os filhos têm em relação à televisão. Nessas interações, outorga-se sentido às propostas de significado desse meio audiovisual.

A mediação é um elemento chave na aprendizagem e constitui, em si mesma, uma aprendizagem, uma alfabetização das crianças dos usos da televisão. Através da observação e da interação familiar se constrói um espectador mais ou menos crítico ou reflexivo em relação ao meio. Em termos mais amplos, constitui-se uma predisposição proativa e/ou reativa. No primeiro caso, trata-se de assumir a interação com o meio de comunicação, enquanto o resultado de sua inserção consciente e deliberada no cotidiano, já que estão formadas as orientações e pautas de como assistir, que respondem a um modo construído de valorar e perceber o meio. No caso da modalidade reativa, não há nenhum processo de reflexão prévio sobre a televisão. Ao contrário, vai-se elaborando a “dieta” televisiva em função de um processo não explícito de usos.

St. Peter e outros (1991), num estudo longitudinal em famílias com filhos de 3 a 5 anos, observaram que se produzia, de pais a filhos, um modelo de consumo de televisão. As características dos hábitos mediáticos dos pais foram divididas em dois tipos: entusiastas e reguladores. Os primeiros eram promotores do uso da televisão, e os segundos impunham normas para o seu consumo pelos filhos. Os resultados demonstraram que os filhos dos primeiros tendiam a uma maior exposição e a seguir as preferências programáticas dos progenitores.

Por outro lado, Lull (1980) propõe uma outra classificação baseada na seleção dos programas escolhidos. Os pais de orientação impositiva inculcam uma certa “dieta” de consumo da televisão a partir de seus pontos de vista. Já, os pais de orientação conceitual tratam de levantar argumentos para um tipo específico de sua preferência. Esse autor assinala que os pais podem ajudar seus filhos a serem mais críticos se assistem televisão juntos, por exemplo, conversando e gerando uma interação qualitativamente mais rica. Desta maneira, assistir televisão transforma-se numa atividade de troca, situação que antes era geralmente atribuída às horas das refeições familiares, entre outras atividades cotidianas.

A maior atividade da mãe, enquanto mediadora, tem levado Orozco (1997) a propor a “teoria educativa” da mãe. O autor levanta uma série de sete “audiências” que correspondem a certas formas de usar e definir o papel da televisão. O elemento comum nessas diferenciações de mediação

é que todas as mães percebem a televisão como não neutra na educação dos filhos, exercendo uma influência relevante no seu desenvolvimento.

A mediação parental é diferente segundo a estratificação socioeconômica. Num estudo qualitativo (Consejo, 1994), foi observado que no estrato socioeconômico alto ocorre maior mediação do que no estrato baixo, mediação esta expressa no maior controle quanto aos horários, quantidade de horas e tipos de conteúdo. Entretanto, o trabalho também assinala que certas proibições (por exemplo, programas de terror) são inúteis por ausência efetiva de controle sobre as normas impostas. No estrato baixo, as restrições terminam cedo e as crianças pequenas tendem a adotar os roteiros dos irmãos mais velhos. No entanto, em ambos estratos, os pais desconhecem os programas que seus filhos assistem e há uma ignorância sobre os avatares do mundo televisivo. A comunicação familiar é uma variável que influi na recepção de programas de televisão. Weintraub e outros (1990) demonstram que a influência da televisão aumenta frente à ausência de uma comunicação familiar ativa. Os pais influem no processo de interpretação televisiva de seus filhos através de comentários e de outras interações verbais.

De outro lado, Carder-Bolz (1980) assinala que a discussão familiar sobre a programação televisiva pode fazer com que as crianças percebam a televisão como um meio para ser visto em família, e não como uma tecnologia que os separa.

Na medida em que as interpretações dos pais são verbalizadas, as crianças podem internalizar habilidades comunicativas que lhes permitam transformar-se em telespectadores críticos, que podem fazer da televisão uma parte positiva e funcional de suas vidas.

### *Os gêneros televisivos e a mediação parental*

A televisão oferece uma proposta diversificada de conteúdos que podem ser classificados dentro de certos gêneros. Fuenzalida e Hermsilla (1993) demonstram que também o processo de recepção tem seus próprios referentes ou definições de gêneros, que são o resultado da competência dos sujeitos para reconhecer regularidades e diferenciações entre tipos de programas.

Avendaño (1993) observou que as crianças, nos seus lares, interpretam certos programas do tipo *reality show* (exemplo: *Mea Culpa*) como um programa educativo, já que os pais utilizam essa emissão para tratar



de certos temas e, assim, orientar e formar seus filhos sobre determinados aspectos indesejados da vida social.

González (1993) assinala que a telenovela não é um gênero próprio dos setores de recursos escassos, ao contrário, destaca seu caráter pluriclassista. As famílias buscam uma comunicação afetiva - inibida pela rotina diária - mediante a exposição à encenação melodramática das emoções que o gênero oferece.

Por outro lado, os diversos gêneros televisivos produzem diversas modalidades de interação e comunicação familiar. As crianças tendem a ver os programas infantis a sós, e os programas adultos em companhia dos pais (St. Peter, 1991). Porém, no caso de lares com TV a cabo, a maior oferta de programas de adultos não tende a incrementar a mediação dos pais (Atkin, 1989). Também não foi encontrada uma relação entre o aumento da exposição em função de um maior acesso a TV a cabo.

A mediação parental, enquanto ações constituidoras da criança telespectadora, é um fator chave para melhorar a capacidade de negociação de significados propostos pela televisão em casa. Na medida em que se incrementa a qualidade mediadora dos pais sobre a televisão, tal como assinala Fuenzalida (1984:35), “pode-se neutralizar a influência negativa e reforçar ou sensibilizar valores e atitudes considerados corretos”.

## Objetivos

Esse trabalho é parte de um esforço mais amplo para compreender as características que a mediação parental assume nos usos e significações educativas da televisão (Proyecto Fondecyt N° 1960143). Sua finalidade é descrever as tendências gerais observadas na mediação parental no âmbito domiciliar. Analisam-se, especificamente, as diversas modalidades de mediação parental no marco das diferenças socioeconômicas. Da mesma forma, aborda-se os usos e valorações da televisão a partir do olhar dos pais e crianças.

## Metodologia

O tema apresenta dificuldades na sua abordagem metodológica devido às suas múltiplas dimensões. Por isso, foram usadas várias técnicas e métodos para apreender as diversas dimensões do fenômeno, privilegiando o tipo quali-quantitativa.

Do ponto de vista quantitativo, foi usado um questionário auto-administrado, aplicado a pais e crianças de colégios e escolas de três estratos socioeconômicos, gerados a partir de indicadores tais como:

- v Montante da mensalidade escolar ou ausência de pagamento.
- v Comunidade em que se insere a escola.
- v Tipo de dependência da escola (particular pago, particular subvencionado, municipalizado)

O questionário foi aplicado em unidades educativas de Santiago do Chile pertencentes aos estratos socioeconômicos médio-alto, médio e baixo. Participaram, nesta pesquisa, 464 crianças (48% do sexo masculino) e 112 pais e mães das crianças pesquisadas.

No aspecto qualitativo, foram utilizadas duas técnicas: *focus group* e entrevistas em profundidade. Foram desenvolvidos nove *focus group*, três por cada estabelecimento, com crianças do sexto básico<sup>1</sup> das mesmas unidades educacionais em que foi aplicado o questionário. Além disso, foram realizados nove *focus group* com os pais, três para cada estrato socioeconômico.

Uma segunda técnica qualitativa acionada consistiu nas entrevistas em profundidade. Foram selecionadas nove famílias biparentais com filhos menores de 12 anos. Em cada uma delas, o procedimento foi o de entrevistar separadamente cada membro da família. Os temas consultados foram similares aos *focus group* das crianças, porém enfatizou-se o “devir histórico” da família frente à televisão. Isto permitiu compreender melhor a “memória” dos sujeitos em relação a esse meio audiovisual.

## Resultados

Dentro das múltiplas dimensões possíveis de se considerar a mediação parental, foram avaliados como mais relevantes os seguintes aspectos:

- v Co-exposição à televisão;
- v Conversas sobre televisão;
- v Orientação dos pais sobre a televisão;
- v Recomendação de programas de televisão;
- v Conhecimento dos pais do que os filhos vêem na televisão;

---

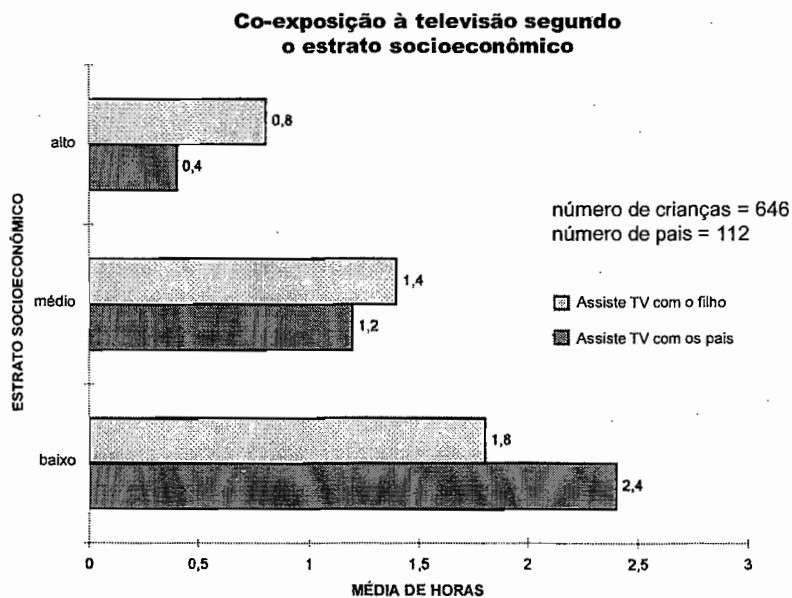
1 O sexto básico equivale à 6ª série (terceiro ciclo do ensino fundamental).

- v Proibição dos pais para ver programas de televisão;
- v Proibição dos pais para ver televisão a partir de determinadas horas.

### *Co-exposição à televisão*

Neste aspecto, foram observadas diferenças por estrato socioeconômico. Na medida em que “ascendemos” na estratificação, diminuem as horas de co-exposição à televisão. Os pais dos estratos médio-alto e médio indicam que assistem televisão com seus filhos com maior frequência do que seus filhos indicam. Isto pode ter origem numa pressão normativa própria ao estrato, no sentido de que “deveriam” ver mais televisão com seus filhos.

O estrato socioeconômico baixo é o que mais assiste televisão em família. O que pode estar relacionado a uma menor quantidade de aparelhos de televisão que os impele a assistir televisão juntos. Observa-se aqui uma situação diferente do estrato médio-alto, já que os pais declaram assistir menos televisão com seus filhos (1,8h), em relação a seus filhos, que assinalam ver com eles 2,4h.



Em termos qualitativos, um aspecto importante é a co-exposição no ato de assistir televisão. Observa-se de que forma as práticas familiares de estar juntos levam a ver televisão ou vice-versa.

“Não assistimos muito filmes com eles, só aqueles que eles deixam a gente ver. Quando são filmes de marcianos, onde aparecem coisas estranhas, de sangue e coisas assim estranhas, eles nos pedem para sair e quando o filme termina entramos de novo. Esses filmes a gente assiste com a mãe, se não entendemos, ela explica. Mas se é um jogo de futebol ela pergunta, o que é que acontece, quem fez isso e coisas assim. Os programas familiares, eu gosto de ver com os pais, porque fazem comentários e além de tudo, nos juntamos em família.” (filho, estrato médio)

A co-exposição é um fato demandado pelas crianças. É uma forma de estar com os pais, especialmente quando ambos cônjuges trabalham. A presença do pai, da mãe ou de ambos é um aspecto positivo para as crianças. As crianças do estrato socioeconômico baixo convergem no seguinte comentário:

“Geralmente se conversa sobre o que se está assistindo. Às vezes, falamos sobre os programas, mas eu não opino muito. De repente, nesses programas como o Mea Culpa (*reality show*) ou Aqui ao Vivo (Reportagens), eles dizem que essas coisas acontecem e que nós temos que ter consciência de como estão as coisas. Eu acho que isso é certo porque essa é uma forma deles se preocuparem com a gente, como uma coisa de amor.”

O fato do estrato baixo ser o que mais assiste televisão em conjunto, pode ter origem (além da quantidade de aparelhos), numa valoração maior do meio enquanto produto de temas familiares que ajudam a aprendizagem de certas áreas da vida social em que pais e filhos requerem estabelecer formas comuns de aproximação.

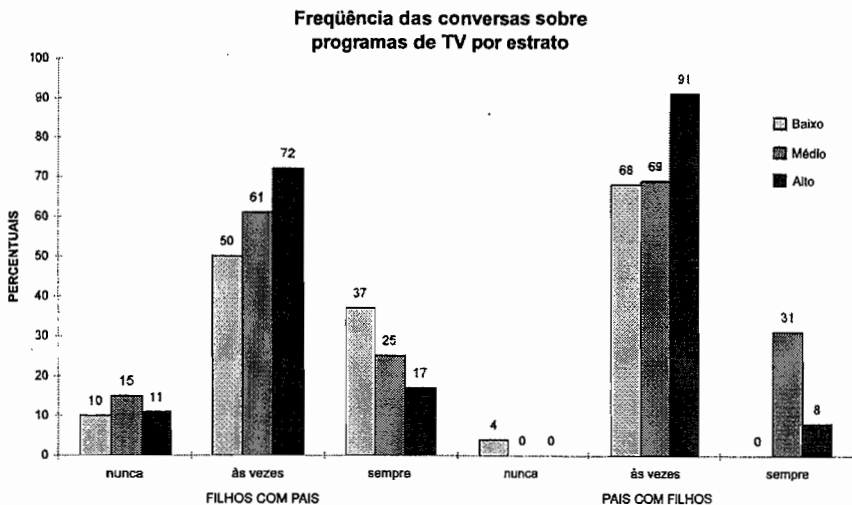
É também freqüente que a interação familiar conjunta ocorra quando se assiste televisão. Neste caso, há uma interdependência entre assistir televisão e estar juntos. O meio audiovisual é valorado positivamente por essas razões.

### *Conversas sobre televisão*

A interação verbal é a forma mais freqüente de compartilhar com os outros membros da família a própria forma de fazer sentido individual

do que se vê na tela. O maior grau de conversações indica uma aproximação proativa da mediação parental.

Neste caso, observa-se que os filhos tendem a indicar que conversam menos com seus pais sobre programas de televisão, em relação ao que indicam os pais. Assim, 1,3% das crianças declara que “nunca” conversa sobre televisão com seus pais. Por sua parte, os pais assinalam que 12% “nunca” o fazem.



A diferença entre os estratos socioeconômicos é especialmente interessante. No caso das respostas das crianças, a medida em que nos aproximamos dos estratos mais altos, aumentam as porcentagens de “sempre” e “às vezes” - 99% das crianças do estrato médio-alto versus 68% do estrato baixo, indicam que conversam com seus pais “sempre” e “às vezes”.

Aqui, observa-se um elemento interessante. Se é certo que pais e filhos de estrato baixo se co-expõem com maior freqüência à televisão que os outros estratos, nem sempre isto se expressa em verbalizações sobre o que está sendo visto.

No caso do estrato socioeconômico médio, a porcentagem de crianças que assinalam que “sempre” conversam é significativamente superior (31%). Não obstante, como será exposto mais adiante, tanto os

filhos, quanto os pais deste estrato são os que mais recebem e dão orientação sobre televisão.

Como tema de conversação, a televisão é “nômade”, isto é, transforma-se num referente simbólico que acompanha as interações familiares, indo além do ato de assistir. Mas também “vai” com as pessoas em muitos aspectos de sua vida. Observa-se que muitos buscam informações em outros meios escritos para saber mais sobre a questão. Sobre esse ponto, uma mãe do estrato baixo expressou:

“Antes, nós comprávamos o jornal as sextas, *Las ultimas noticias*, porque sai a *TV Guía*, agora como temos menos dinheiro, compramos só aos domingos, porque meu marido está procurando emprego.”

A despeito das diferenças entre as crianças e os pais e entre estratos socioeconômicos, é altamente importante para os pais falar sobre a televisão. No estrato médio-alto, registrou-se a seguinte opinião:

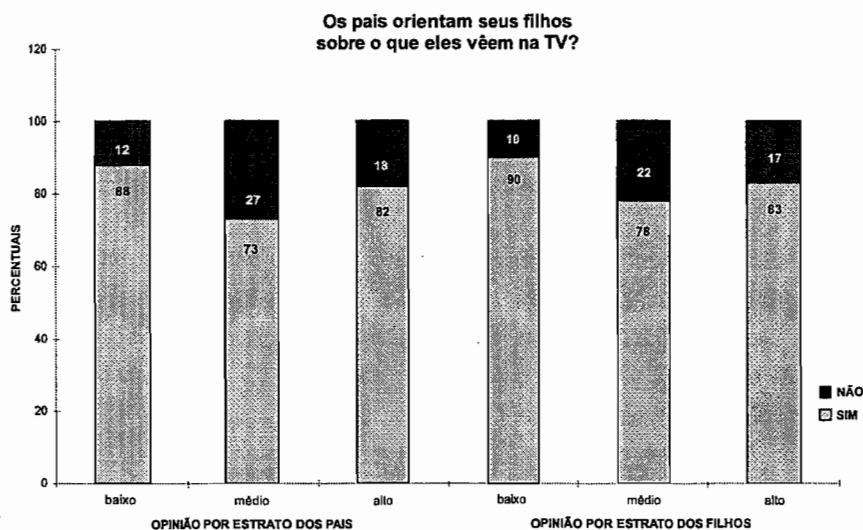
“Uma prática totalmente nova tem sido ver a novela *Adrenalina* nós quatro juntos, isto é, eu com as crianças. Há umas juvenzinhas tão audaciosas na novela, que tem que estar dizendo a cada dois segundos: mas vocês, o que é que acham disto? Temos discutido muita coisa importante. Tem sido como uma espécie de foro familiar. É bem interessante porque cheguei a pensar que eles podem ver as novelas se assistirem com a gente. Antes, eu era das que simplesmente dizia para não ver novelas e desligava o aparelho, não compreendia os seus gostos. Mas agora, entendo que tem algo que atrai; certos temas que eles poderiam viver quando maiores. Ainda que também extraíam modelos do que é divertido fazer. Mas por outro lado, os modelos bons sempre vencem, então, é como se jogasse com a realidade; tem ambigüidades, mas há algo positivo”.

O tema chave neste ponto é a transformação da televisão num tema de conversação, independentemente do ato de assistir propriamente dito. Também para os filhos(as), o fato de conversar é importante, na medida em que pode ajudar a entender alguma coisa. O comentário contribui para ir além do exibido pelo programa de televisão.

### *Orientação de pais e mães sobre a televisão*

A criança que vê televisão está construindo-se a si próprio como consumidor de meios de comunicação e, neste sentido, pode ser mais ou menos crítico, entendendo por isto a capacidade de desenvolver um pensamento autônomo frente às propostas de sentido da televisão. Na medida em que recebe uma maior informação ou orientação, teria maior habilidade para negociar significados e, desta maneira, ser um sujeito mais ativo e seletivo.

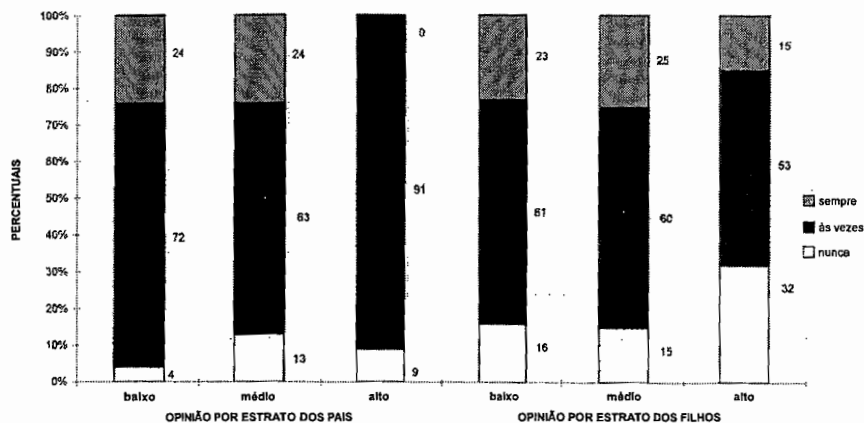
Sobre esse aspecto, 19% dos pais indicaram que não orientam seus filhos, versus 16,3% dos filhos que indicam que não recebem orientação. Neste caso, pais e filhos do estrato baixo assinalam que dão ou recebem mais orientação. O estrato médio é o que apresenta menor percentual de orientação dada ou recebida sobre a televisão. No caso do estrato médio-alto, há uma grande aproximação nas respostas de pais e filhos.



### *Recomendação de programas de televisão*

Um aspecto central da orientação geral frente ao tema refere-se à recomendação de programas. Aqui, evidencia-se uma forma de mediação parental ativa e conseqüente. Indica que o tema foi assumido e, independentemente da perspectiva de valores, há uma predisposição frente ao tema que se expressa em condutas.

### Os pais recomendam programas de TV aos filhos?



Foi comprovado que 91,3% dos pais recomendam (“sempre” e “às vezes”) programas aos seus filhos(as). Por outro lado, 79% das crianças declaram que recebem (“sempre” e “às vezes”) recomendações.

Ao comparar os estratos socioeconômicos, as diferenças são importantes. No caso do estrato médio-alto, as crianças indicam que 32% “nunca” recebem recomendações sobre programas. Este mesmo grupo indica que só 68% recebem (“sempre” e “às vezes”) recomendações, ao contrário dos pais deste mesmo estrato, em que apenas 9% “nunca” recomendam.

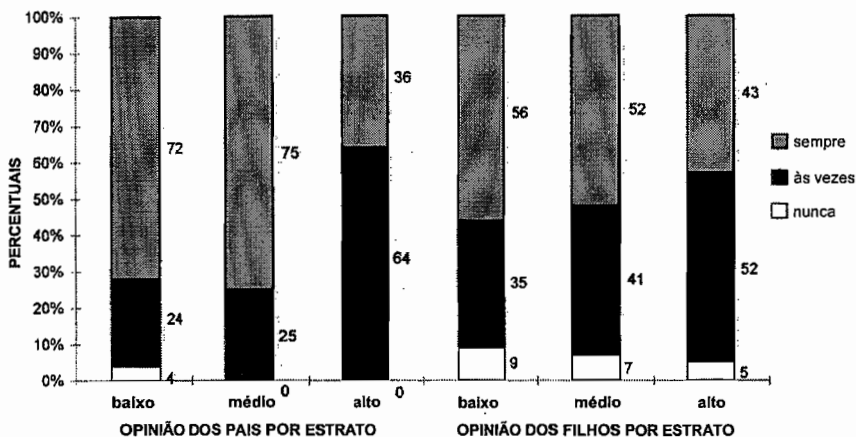
No caso das respostas dos pais, no estrato médio-alto, ninguém indicou que “sempre” recomendava a seus filhos que assistem televisão, em relação ao 24% dos outros estratos.

#### *Conhecimento de pais e mães sobre o que seus filhos vêem na televisão*

O processo de mediação parental implica algum grau de conhecimento dos pais com relação à “dieta” televisiva de seus filhos. Sem o conhecimento do que as crianças vêem, é pouco provável a recomendação, orientação ou proibição de programas ou gêneros.



### Os pais têm conhecimento do que os filhos vêem na TV?



Nesse aspecto, 98,6% dos pais indicam que “sempre” e “às vezes” sabem o que seus filhos(as) vêem. Por sua parte, as crianças indicam que 93% de seus pais sabem “sempre” e “às vezes” o que eles vêem. Considerando apenas as respostas “sempre”, 61% dos pais dizem conhecer o que seus filhos vêem, versus 50,3% dos filhos que respondem de forma similar. Isto revela que há diferenças entre pais e filhos, já que os filhos indicam que as condutas descritas pelos pais são menores do que as que eles declaram.

Em termos de estratos socioeconômicos, as crianças do estrato médio-alto respondem que seus pais “sabem” 95% (somando “sempre” e “às vezes”) o que eles vêem. No caso do estrato médio, esse número é de 93% e, no baixo, 91%.

De outro lado, todos os pais do estrato médio-alto e médio dizem saber o que seus filhos vêem, em comparação aos 96% dos pais do estrato baixo.

Para os pais é necessário saber de que tratam certos programas. Isto permitiria tomar decisões a respeito.

“A televisão sempre tem participado na família, antes era mais limitada: entretenimento, desenhos animados. Depois, com o tempo isso foi mudando, comecei a integrar a televisão às crianças não somente para entreter, mas para educação, informação, usando os canais 12 e 14 da TV a cabo, que são

claramente de informação misturada com entretenimento, onde há programas interessantes, tanto de informática quanto de animais, descobrimentos, histórias da Bíblia. Nas etapas pelas quais eu fui passando, a televisão foi penetrando na medida em que as crianças iam crescendo, porque quando estávamos recém-casados víamos zero televisão, não víamos nada” (mãe do estrato médio-alto).

Sobre o mesmo ponto, uma mãe do estrato médio opinou:

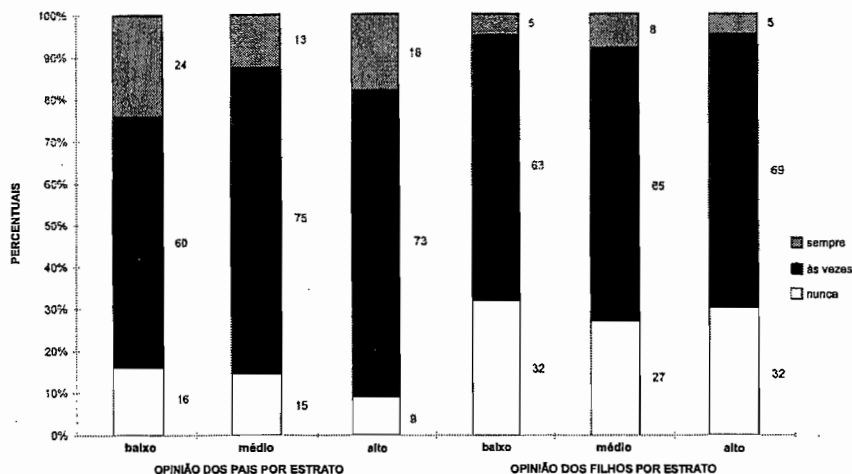
“Esse semestre implementei uma espécie de mudança com as crianças: disse a eles que tudo bem. Aceitei que eles vissem as telenovelas (que eles adoram) porque descobri que era tema de conversa no colégio. Então, eu disse ao mais velho - que gosta mais de ver televisão: você pode ver a telenovela e mais um outro programa.”

#### *Proibição de pais e mães para ver algum programa de televisão*

Da mesma forma que a recomendação de programas é uma forma de mediação proativa, a proibição de ver televisão também é um aspecto relevante, se consideramos que esse impedimento é o resultado da avaliação de um determinado programa como “negativo”. A televisão pode, ainda, ser usada como elemento de castigo: proibir a audiência televisiva porque outras atividades não foram feitas ou foram realizadas inadequadamente. Neste marco, deve ser considerada a relação entre rendimento acadêmico e consumo televisivo. Na medida em que o rendimento acadêmico desce, aumentam as probabilidades de não ver televisão, desde a perspectiva de normas instauradas por certos pais.

Neste caso, 30,3% das crianças responderam que “nunca” tinham sido proibidas de ver algum programa. Na mesma categoria, 13,3% dos pais assinalaram o mesmo tipo de conduta. Isto é, os pais declaram que proibem ver mais televisão do que seus filhos assinalam. Isto é comprovado em dados como os de 18,3% dos pais, que declaram que “sempre” proibiam ver programas, em comparação com 6,1% das crianças.

### Os pais proíbem os filhos de assistir algum programa de TV?



Em relação especificamente aos pais, aqueles do estrato socioeconômico médio-alto indicam um nível de “proibição” de 91%, seguidos pelo estrato médio com 88% e o baixo com 84%. Não obstante, as crianças indicam pautas de proibição, em geral menores, sem uma relação evidente entre estratos como no caso dos pais.

Outro aspecto é a proibição de conteúdos de programas. Aqui aparecem dois temas centrais: violência e sexo. Uma menina de 11 anos do estrato médio opinou:

“Eu não acredito que a televisão seja má para as crianças, ainda que as menores comecem a brigar como viram nos desenhos da televisão. Na minha escola, por exemplo, as crianças do jardim começam a brincar e dizem “Eu sou Super-homem” como se levassem a sério. Além do que, quando vejo filmes com meus amigos não deixamos que a Carolina entre no quarto, porque às vezes os filmes são de ação e eu sei que, como ela é pequena, ela não deveria ver.”

No estrato médio-alto, uma mãe disse:

“Eu não vejo as telenovelas, porém, estavam todos reunidos e eu me instalei. De repente, acontece isso: o ator principal,

namorado da Francisca – com quem rola uma história de noivado ..., aí entra uma menininha no meio, uma colegial linda, e no fim, esse cara fica com as duas... resultado: casal a três. Isto é, em quatro personagens básicos da telenovela temos uma imoralidade. Atinei a tempo e disse: Cortem a telenovela e eu vou explicar a vocês porque não vão vê-la! Expliquei tudo, com palavras de adulto. Se me entenderam ou não, não sei. Talvez, agora não entendam porque são pequenos, depois vão se dar conta de que eu tenho razão, porque se não faço entender isto agora, depois não vou ter nenhuma escolha.”

Para os pais esses são os aspectos negativos da televisão que têm sido percebidos como fatores crescentes na programação de televisão nos últimos anos. Sobre o mesmo tema, um pai do mesmo estrato médio-alto indicou:

“Eu opino que a televisão entretém, a gente fica olhando. Porém, em geral, há muito lixo, não tem nenhuma formação, inclusive uma deformação que me espanta. Acho que as telenovelas são uma escravidão, tento que meus filhos não vejam. Uma vez, calculei que Victoria (12 anos) perdia um mês ao ano vendo televisão. A televisão não traz nada de cultura. É claramente comercial e de lazer, de forma barata, mais nada. Por isso, dou uma valoração negativa. É um excelente meio para entregar um monte de coisas, mas não está entregando. Não oferece valores importantes para as pessoas. É só gasto, comércio e dinheiro.”

No entanto, para as crianças isto não está muito claro. Elas estão conscientes da proibição de certos programas, porém não vêem muito sentido e, em alguns casos, não são indicações assumidas por eles, o que reforça a diferença encontrada entre pais que dizem ser mais “proibitivos” do que na opinião das crianças.

“Nos proibem as coisas pela violência, e a novela *Adrenalina* porque um cara tem cinco noivas, por isso a mamãe não gosta que nós assistamos. Eu não acho nada de mau. Todos no colégio assistem, e nos contam, eu imagino como se tivesse a televisão na cabeça. (filha, estrato médio).

Para os pais, também não é fácil o tema, existe a consciência de que são normas muito pouco controladas, pela sua ausência em casa nas horas de trabalho, e pela necessidade das crianças conhecerem o proibido.

Esse é um aspecto central da tarefa dos pais. É necessário criar formas inovadoras para que as crianças compreendam o sentido das normas.

Em todo esse tema deve-se fazer diferenciações de gênero. Da perspectiva dos pais, para os meninos há um problema em relação à violência e para as meninas, o preocupante é o sexo.

“Agora tem que ter muito cuidado com o que dizem que os meninos vêem, por exemplo, nós cortamos *Os cavaleiros do zodíaco* para Esteban e Ricardo, quando vimos nos jornais esse assunto sobre os desenhos animados japoneses, que eram satânicos. Uma vez, eu comecei a vê-los, não achei tanto assim, mas achei meio estranho para meu gosto, não sei se sou bitolada, a partir daí não deixamos mais eles assistirem” (mãe, estrato médio).

Sobre isso, uma menina assinala:

“Minha mãe sempre me dá conselhos quando passa um desses casos do *Aquí en vivo* (reportagem), sobre estupros ou que enganaram uma adolescente, talvez porque eu sou a única mulher, então, ela me diz que tenho que ter cuidado, que não aceite carona. Nós conversamos sobre o que aconteceu, outras vezes, ela me chama e me explica alguma coisa da televisão. Acho que isso é bom, porque serve para ser melhor” (estrato baixo).

No fundo, as decisões estão relacionadas com os marcos axiológicos do pai e/ou da mãe, que muitas vezes transcendem o tema televisão, expressando uma valoração mais ampla frente aos temas de violência e sexo.

“Eu não quero ter TV a cabo, nem pelas crianças nem por mim, porque eu sei que tem canais esportivos e quando saio de viagem começo a ver TV a cabo e não largo mais. Pego filmes e os vejo. Adoraria ver filmes com as crianças, mas não passam filmes para todos na televisão, a gente tem que alugar. Eu admiro as pessoas que conseguem fazer filmes bons sem sexo e sem violência. Mas a TV a cabo está empestada disso” (pai, estrato médio-alto).

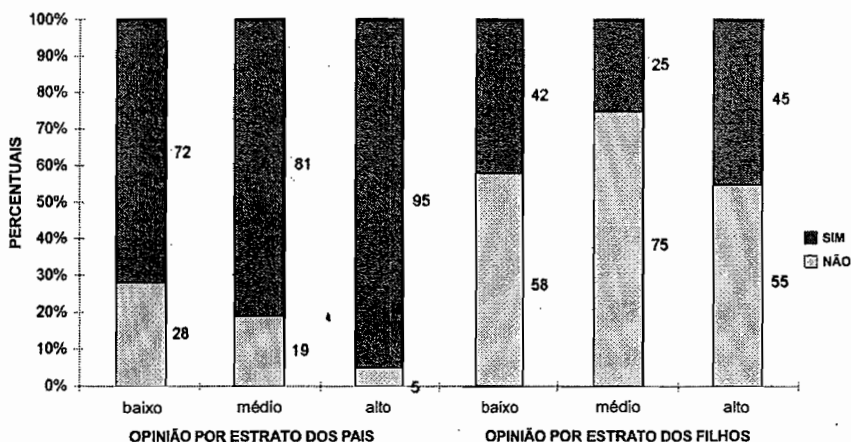
### *Proibição de pais e mães para ver televisão depois de determinadas horas*

O horário para ver televisão é outra dimensão da mediação parental. Em geral, os dias de semana e os sábados e domingos geram diferenças com relação à hora de dormir. É necessário considerar que a totalidade dos meninos e meninas da amostra tem aulas a partir das 8h da manhã, sendo, portanto, a hora de dormir um aspecto chave.

37,3% dos meninos e meninas indicaram que são proibidos de ver televisão depois de certas horas. No caso dos pais, 82,6% declaram esse tipo de proibição. As crianças do estrato médio-alto têm um maior percentual de respostas positivas (45%), seguidas pelo estrato baixo (42%) e, em seguida, pelo médio (25%).

No caso dos pais, na medida em que se “ascende” na estratificação socioeconômica, aumentam os níveis de proibição. A partir de 72% no estrato baixo, passando a 81% do médio e 95% do médio-alto.

#### **Os pais proíbem os filhos de assistir TV depois de determinada hora?**



Além da proibição de programas específicos, gêneros ou subgêneros, o tema horário é outro aspecto central para pais e mães. Sua importância é associada a dois fatores. De um lado, a necessidade das crianças de descansar para ir à escola no dia seguinte de manhã. De outro, a exibição, depois das dez da noite, de programas classificados para adultos, e que os pais associam muitas vezes com sexo e violência. Esse é um tema importante para os pais, mas também difícil de controlar, sobretudo se o quarto dos filhos possui aparelho de televisão.

## Conclusões

A televisão é um meio de comunicação que se instalou nas famílias. É necessário, portanto, compreender que sua interação com os sujeitos ocorre no marco de um grupo social primário que inclui, entre outras dimensões, uma certa forma de ação social, uma sociabilidade construída no tempo, além de um conjunto de valores, normas, preconceitos e tabus que orientam a conduta e que geram uma identidade familiar, compartilhada pelos membros da família em maior ou menor grau.

Os usos da televisão nas unidades familiares supõem uma variedade de dimensões que abrange aspectos que vão desde a conduta até os valores culturais, já que nas famílias desenvolve-se o processo de socialização como tarefa fundamental. Uma das dimensões relevantes dos estudos sobre famílias-televisão é a mediação parental (pais-mães). Ela implica uma reelaboração da proposta de sentido da televisão para crianças e adolescentes, no marco da identidade construída pela família. A mediação parental supõe uma série de dimensões de sociabilidade familiar que vão perfilando uma certa socialização dos filhos no que se refere aos usos da televisão. Constitui um fator relevante dentro do processo de recepção, na medida em que propõe certas modalidades específicas de construção da criança enquanto telespectador.

A mediação parental não constitui necessariamente um processo social plenamente consciente. Muitas gerações de pais (pelo menos nesta amostra) constituíram-se enquanto telespectadores de uma maneira “natural”, isto é, não receberam uma “educação deliberada e consciente” sobre os usos da televisão, entre outras razões, porque para seus pais esse era um meio novo, incorporado sem referências ou experiências comparáveis. Neste contexto, a mediação parental não foi avaliada como um campo de sociabilidade sobre o qual fosse necessário assumir posições para orientar a conduta dos filhos. Isto não significa dizer que não “existia” mediação parental, mas que é uma construção orientadora do comportamento que não foi transformada num “problema” sobre o qual devesse-se deliberar e acionar roteiros de atuação. É um processo de caráter mais implícito, dependendo do tipo de comportamento televisivo.

Em relação à mediação parental por estrato socioeconômico, podem ser observadas algumas diferenças. No estrato socioeconômico médio-alto há uma tendência maior a conversar mais com os filhos sobre a televisão, assim como, uma maior “proibição” em relação ao ato de assistir

certos programas específicos e ver televisão depois de determinadas horas. Aparentemente, pode ser observada uma contradição entre uma conduta “proativa” e outra “castigadora”, porém, este aspecto pode ser entendido como uma maior tendência a gerar normas que favoreçam certos tipos de programas de televisão. No caso do estrato socioeconômico baixo, verifica-se mais co-exposição entre pais e filhos e uma maior recomendação de programas. Nesse sentido, o ato de assistir televisão é uma forma de interação onde se estabelece uma “agenda” de temas familiares que facilita a aprendizagem de certos aspectos e situações por parte dos filhos, observando-se, assim, uma apropriação educativa do meio televisivo. No caso do estrato socioeconômico médio, observa-se uma maior orientação e recomendação de certos programas, o que indica que a ênfase estaria no maior direcionamento, mais do que numa proibição ou utilização da televisão como proposta temática ou educativa.

Quanto às diferenças entre as respostas de pais e filhos no que se refere à mediação parental, nota-se que os pais tendem a superestimar suas condutas mediadoras em duas dimensões: a recomendação e o conhecimento da “dieta” televisiva. Os pais supervalorizam as condutas mediadoras sobre os seus filhos. Nesse ponto, chama a atenção a diferença notória em relação à proibição de programas: os pais dizem proibir certos programas três vezes mais do que o assinalado pelos seus filhos. Esses dados revelam que, se os pais consideram que seu conhecimento e orientação televisivos é maior do que seus filhos indicam, não serão produzidas mudanças nos repertórios de mediação. Há uma mediação idealizada mais que real, de acordo com o que seus filhos indicaram.

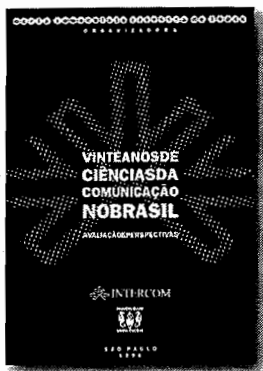
A mediação parental é um tema complexo e multidimensional onde se interrelacionam os modos de vida de cada família e as propostas de significação do meio, estruturando o cotidiano em que se expressam as diversas identidades que constroem as famílias. É necessário realizar estudos qualitativos e quali quantitativos sobre outros tipos de estruturas familiares, preferencialmente do tipo monoparental, um tipo de família que tem aumentado nas últimas décadas, alcançando atualmente 15% das famílias. Da mesma forma, é necessário fortalecer os programas de educação da televisão nas famílias, o que está vinculado com as cada vez mais urgentes necessidades de realizar tais programas nas escolas. Estes programas, obviamente, não devem tender a “satanizar” o meio televisivo, mas sim, incrementar os seus níveis de compromisso educativo.



## Refêrencias bibliográficas

- ATKIN, D. J., GREENBER, B.S. & BALDWIN, T.F. The home ecology of children's television viewing: parental mediation and the new video environment. *Journal of communication*, 1991. v. 41.
- AUSTIN, Weintraub, E., ROBERTS, D. & NASS, C. The influence of family communication on children's television-interpretation processes. *Communications Research*, 1990, v. 17.
- AVENDAÑO, Claudio. *Cómo y qué ven los niños y niñas en la televisión. Seminario Televisión infantil y violencia*. Santiago de Chile: Corporación de Fuenzalida V Ed./Promoción Universitaria. 1993.
- AVENDAÑO, C. & IZQUIERDO, P. Educación por la Comunicación y la Cultura. In: *Boletín Proyecto Principal de Educación*. Santiago de Chile: UNESCO, 1999, n° 49.
- BARRIOS, Leoncio. *Familia y televisión*. Caracas: Editorial Monte Avila, 1993.
- CALDER, Bolz. Mediation. *The Role of Significant Others Journal of Communications*, Summer 1980.
- CONSEJO Nacional de Televisión. *Estudios Cualitativos de Audiencia: Percepción de los padres del consumo Televisivo de sus hijos*. Informe n° 3, Santiago de Chile: 1994.
- FUENZALIDA, Valerio. *Televisión-padres-hijos*. Santiago de Chile: Ediciones Paulinas-CENECA, 1984.
- \_\_\_\_\_. *El televidente activo*. Santiago de Chile: Corporación de Promoción Universitaria, 1991.
- GONZÁLEZ, J. Televisión, familias y melodrama. *Revista Telos*, 1993
- JELIN, E. *Pan y afectos. La transformación de las familias*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- LAWRENCE, F. C. & WOSNIAK, Patricia H. Children's television viewing with family members. *Psychological Reports*, 1989, v. 6.
- LULL, J. How families select television programs: a mass observational study. *Journal of Broadcasting*, v. 26, Fall 1980.
- HOPKINS, Nancy & HULLIS, Ann. Family perceptions of television viewing habits. *Family relations*, USA, 1985, v. 34.
- OROZCO, G. *Televisión y Audiencias*. Madrid: Editorial De La Torre, 1997.
- ST. PETERS, Michelle, FITCH, Marguerite, HUSTON, C. Aletha; WRIGHT, C. John & EAKINS J. Darwin. Television and families: what do young children watch with their parents?. *Child Development*, 1991, v. 62.

## Presente, passado e futuro das Ciências da Comunicação no Brasil



*Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas*, coletânea organizada por Maria Immacolata Vassallo de Lopes e publicada em 1999, é o nono volume da Coleção INTERCOM de Comunicação. A obra promove uma completa avaliação dos 20 anos de Ciências da Comunicação no Brasil, por meio de três autores marcantes nos estudos brasileiros e latino-americanos de comunicação – Armand

Mattelart, Jesús Martin-Barbero e José Marques de Melo –, e dos coordenadores de simpósios regionais e dos GTs da INTERCOM, que examinam a produção científica em diversas áreas e em suas respectivas temáticas.

No marco do Congresso Intercom 97 (Santos, SP), comemorativo das duas décadas da INTERCOM, *Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas* acaba por traçar uma identidade viva da área como campo científico e como objeto interdisciplinar.

**Preço por exemplar: R\$ 18,00**

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie acompanhado de cheque nominal para:

**Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - bloco B9 - sala 2  
CEP 05508-900 - São Paulo - SP Tel/fax: (0XX11) 3818-4088  
web: <http://www.intercom.org.br> e-mail: [intercom@edu.usp.br](mailto:intercom@edu.usp.br)